

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.120

Sabado, 15 de Julho de 1922

PREÇO 510 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa; Telephones 5339-6

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

**A atitude estranha do sr. Ferreira de Sousa, não servindo o espírito de justiça, nem o próprio Estado, apenas aproveita à Confederação Patronal.**

## OS TRÊS PROBLEMAS MAXIMOS

### A CARESTIA DOS GÊNEROS

Um povo que suporta sem um protesto todas as extorsões que o comércio vem fazendo impunemente merece a troça e o desprêso dos ladrões

Povo, ergue-te e, como Cristo, expulsa os vendilhões!

### O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

O parlamento que diz legislar em nome do povo atraiçou a causa do povo, roubando-o, às 4 horas da manhã, no seu pão tam caro já. O povo quer um só tipo de pão — o parlamento votou dois

Povo, mostra aos exploradores que ainda sabes defender os teus interesses ameaçados!

### O HORARIO DE TRABALHO

Mal alimentado, roubado no pão, nas rendas das casas e na liberdade, o povo, segundo os governos e as "fôrças vivas", deve trabalhar mais de 8 horas

Povo, morrer à míngua de confortos e estafado — é morte inglória!

## Em torno duma condenação

### Maus ligados ou favores à Patronal?

Relatou ontem *A Batalha* a maneira acintosa como, à excepção do dr. sr. Joaquim Crisóstomo, presidente do tribunal de defesa social, trataram o operário Avejino de Castro.

Frisámos também a forma estranha como o sr. Ferreira de Sousa interrogou as testemunhas, parecendo querer arrancar delas não as declarações simples que tinham a fazer, mas segundos sentidos de que quiz aproveitar-se para dar ao seu um aspecto criminoso que ele não tinha.

Concluímos ainda que, de todo o tribunal, apenas o dr. sr. Joaquim Crisóstomo, mais escrupuloso, não quiz pactuar numa condenação injusta, assinando vencido.

O gesto do juiz do referido tribunal foi digno, tam digno que, num país onde a moral e a justiça asixiam sob o peso das conveniências particulares de cada um, nos assombrou. Pois, os jornais burgueses apoiaram calorosamente a atitude dos que assinaram satisfeitos essa condenação injusta e atacaram, como querendo lançá-lo às feras, o dr. Joaquim Crisóstomo, o único que mostrou escrupulo e moral perante um caso de tanta responsabilidade como é o privar um homem da liberdade.

O sr. Ferreira de Sousa não tinha nenhum interesse particular, com certeza, em condenar um indivíduo que tudo indicava estar inocente, que não se provou intenção criminosa no seu gesto. A

não ser que o sr. Ferreira de Sousa esteja advogando a causa dos falsificadores da Confederação Patronal, o que não admira, o que seria muito natural porquanto quem condena de animo leve um inocente é capaz de tudo. Só quem quizesse servir a Confederação Patronal teria o arrojo que o sr. Ferreira de Sousa teve! Os tribunais, dizem, não se inventaram para servir entidades particulares mas para fazer justiça. O sr. Ferreira de Sousa — encareando o caso mesmo sob o ponto de vista da moral burguesa — desvirtuou a missão do tribunal de defesa social, tirando as ilações que muito bem entendeu das declarações das testemunhas e influiu no tribunal de forma a arrastá-lo até à iniquidade

### A situação de A BATALHA

#### Um alvitre

A maioria dos trabalhadores não cumpre com os seus deveres para com *A Batalha*, dando origem a que a propaganda dos seus próprios interesses se não faça em maior escala, contribuindo com a sua indiferença para que, a engrandecimento da actual sociedade continue a estar de pé, vindo juntar-se a este mal o pouco caso feito pelo vendedor na propaganda de *A Batalha* guardando os seus exemplares para serem distribuídos pelos freguezes, que na sua totalidade são jovens sindicalistas, ouvindo-se a hora do correio (ao meio da tarde) o pregão simplesmente dos jornais burgueses.

Tendo em conta tudo isto, ponho nas colunas de *A Batalha* o seguinte alvitre, para que a organização se mantenha:

- 1.º — Que para a província partam os exemplares de *A Batalha* para o organismo que esteja mais forte;
- 2.º — Que seja nomeado um membro por cada organismo, sendo de preferência os cobradores, que farão nas oficinas a distribuição;
- 3.º — Que todos os sindicatos comprem *A Batalha*, encarregando-se dessa propaganda a comissão pró-*A Batalha* (incluindo os que não sabem ler, que devem ter família que sabe);
- 4.º — Que só então sejam enviados ao vendedor os exemplares do costume, obrigando assim a fazer a propaganda.

Oitão, 13 julho 1922.

M. Teodoro.

#### No Beato e Olivais

Realizou-se com grande concorrência no Núcleo Juventude Sindicalista, secção de Beato e Olivais, uma sessão de propaganda pró-*A Batalha*, que decorreu muito animada.

Usaram da palavra Francisco Carameiro, Inácio Marques, José Gonçalves, João Martins, Heitor Veiga e Domingos da Silva, que expuseram o papel social da *Batalha*, salientando a energia com que ela tem combatido todos os roubos, todas as violências, todas as iniquidades. A defesa que ela tem feito dos interesses dos proletários deve estes corresponder, defendendo a eficácia dos obstáculos derivados das suas dificuldades económicas e da indiferença de muitos operários.

#### Sub-Comissões Pró-*A Batalha*

Em Chaves acaba de organizar-se a sub-comissão pró-*A Batalha*, composta pelas seguintes camaradas: João Caminho, Agostinho Carvalho, Adriano Carneiro e Joaquim Delgado. Esta comissão está a trabalhar com todo o entusiasmo em prol do nosso jornal e vai por estes dias tratar ali da sua venda.

devido por isso aconselhar todos os trabalhadores a ler e a propagar *A Batalha*. Também foi constituída já a sub-comissão de Oeiras com as camaradas Carlos Almeida e Joaquim Alves, a quem se devem dirigir os amigos de *A Batalha*.

A Grande Comissão de Lisboa pede a todos os trabalhadores a quem foram enviadas circulares a máxima urgência na organização das sub-comissões, assim como lhes pede a participação a marcha dos seus trabalhos.

#### Sessão de propaganda

No próximo domingo, pelas 17 horas, realiza-se na sede da Sociedade Amigos da Infância, rua Maria Pia, uma sessão de propaganda pró-*A Batalha*, em que tomarão parte os camaradas Carlos Freire, Francisco Carameiro e Aníbal Cruz.

#### Em Aldegaleta

Reuniu há dias, na rua Augusto José Vieira, um grupo de de amigos da *Batalha*, tendo nomeado uma comissão que ficou composta por Eduardo Cunha Pereira, Eduardo da Silva, José Pascoal Junior, António Pascoal e José Farinha, com o fim de auxiliar a manutenção do jornal.

Reuniu hoje, pelas 21 horas, na sede da revista *Seara Nova*, a Comissão Organizadora do festival realizado no Coliseu dos Recreios, pró-fantinos russos e caboverdeanos, para ultimar o relatório e contas, e bem assim estudar a forma de enviar os donativos.

Pede-se a comparecimento de todos os membros da Comissão.

A comissão reúne na próxima segunda-feira, às 21 horas.

#### Excursão ao Seixal

Tem sido bastante procurados os bilhetes para a excursão ao Seixal e à Barra. Os Sindicatos que desejem tratar da venda de bilhetes, devem fazer os seus pedidos à Comissão Central Pró-*A Batalha*.

#### Pró-presos por questões sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão, para assuntos urgentes. Pede-se a comparecimento dos delegados do Sindicato Metalúrgico.

#### Fantinos russos e caboverdeanos

Reúne hoje, pelas 21 horas, na sede da revista *Seara Nova*, a Comissão Organizadora do festival realizado no Coliseu dos Recreios, pró-fantinos russos e caboverdeanos, para ultimar o relatório e contas, e bem assim estudar a forma de enviar os donativos. Pede-se a comparecimento de todos os membros da Comissão.

## AS 8 HORAS O CÉLEBRE REGULAMENTO

Os empregados no comércio prosseguem na sua luta enérgica — O proletariado do Porto está indignado —

A mesa da assembleia magna dos Empregados no Comércio, reunida com os delegados das especialidades resolveu entregar na próxima segunda-feira, ao ministro do Trabalho, a moção aprovada na dita assembleia, protestar contra a violência cometida pela policia no momento em que a manifestação caminhava ordieramente em direcção ao ministério do Interior onde se ia entregar o protesto: contra o regulamento do horário, deliberar que fosse enviada cópia da moção e informações mais circunstanciadas ao Bureau International du Travail en Genève (Suisse) a fim de tomar conhecimento da arbitrariedade cometida feita pelo governo português a lei das 8 horas.

Acordou-se também que se fizessem sessões de protesto não só nos respectivos Sindicatos de especialidades de Lisboa, como nos dos arredores, estando a comissão em sessão permanente para orientar os trabalhos que vai pôr em prática e conseguir a derrogação do regulamento.

Devido aos esforços da referida comissão e da U. S. O., foram restituídos a liberdade Joaquim Dias, Joaquim Lopes de Carvalho e Domingos da Costa, empregados do comércio, anteanter detidos.

A Federação dos Empregados no Comércio tem recebido telegramas de todos os Sindicatos do país e da Federação Espanhola dos Empregados do Comércio, protestando contra o atropelo à lei das 8 horas e apoiando o movimento encetado por esta comissão.

O telegrama da Federação Espanhola é do seguinte teor: «Federação espanhola dos empregados no comércio protesta enérgicamente contra o atropelo da jornada de 8 horas e confia na organização portuguesa que impedirá tal iniquidade. — Matilios.»

Soubemos que o governador civil obteve cópia de todos telegramas enviados para a provincia pela comissão de

telegados das associações dos empregados do comércio.

Temos, então, censura telegraphica, encapotada?

#### A U. S. O. do Porto vai encetar um movimento para a reconquista das 8 horas

PORTO — 13 — C. — Nos centros mais populosos do operariado, o engenho regular do horário do trabalho, quer dizer: o decreto burlesco que revoga a lei do trabalho normal das oito horas, o que se cuida agora é de favorecer a efervescência contra os propósitos patronais. Todos os propagandistas operários estão de acordo da que as oito horas devam ser mantidas pelo esforço próprio, como pelo próprio esforço elas foram conquistadas e tem sido respeitadas em diversas indústrias. Esta concordância está em (Ver continuação na 2.ª página)

PARA A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

## SIMBOLISMO ELOQUENTE

A dignidade, em Loanda, tem sido, pelos senhores, rojada pela lama; por uma questão de moral os escravos pretendem eliminá-la dos dicionários

O correio de ontem trouxe para *A Batalha* uma carta anónima, que acompanhava um escrito um pouco inebeloso que vamos transcrever.

Sinais que nos indicassem a procedência dessa carta, apenas a data: «Loanda, 22 de Maio de 1922.» Assinatura: Um grupo.

A carta em si pouca importância tem. Ela apenas fazia a apresentação do tal escrito, do tal documento, que reza assim:

«Ao povo consciente! Ao povo mundial!

Um grupo de indivíduos, vítima de uma exploração e relegado do amparo, pensou e resolveu combater perseverante-

mente a palavra dignidade por meio de propaganda de palavras, já que não se pode combatê-la em jornais.

Porém, este combate vem a propósito da falta de «temor de consciência» que hodiernamente reina por esse mundo fora, por parte dos vendedores e produtores gananciosos, bem como por parte daqueles que nos deviam dispensar protecção. Triste é dizê-lo!

Aqueles que aquiescerem esta resolução meritória, que formem também, num tempo, um bloco para a consecução do desideratum.

«Ao chegar ao conhecimento dos Letrados e Lexicógrafos esta propaganda judiciosa e piramidal, que terá o suspirio mundial, não deixará, decerto, de prosseguir a palavra dignidade dos futuros dicionários, a bem das ge-

rações modernas porque, finalmente, ela só serve, na presente época de evoluções, de capa a todo o malfeitor.

Avante propagandistas entusiastas! Não vos deixeis engodiar por alguns prevaricadores infames que na sombra da frase chamada dignidade, que está sendo combatida activamente para o seu desaparecimento, cometem todos os maiores crimes contra a humanidade e morte de deusa-Pátria.

Nada de desânimos, porque o «Labor omnia vincit improbus».

Loanda, 22 de Maio de 1922.

UM GRUPO

Se não conhecessemos duma maneira razoável o ambiente terrível que se respira em Loanda; se ignorássemos, como o público até há pouco tempo ignorava, os crimes, as infâmias, a opressão brut-

tal, asfixiante de que está sendo vítima o povo de Angola, é provável que na linguagem boba do documento transcrito, nas afirmações indecisas, como que proferidas a medo, não adivinássemos o sofrimento realçado, os gritos sufocados pelo temor da vingança, os brados estrangulados pela mão ditatorial; talvez não adivinássemos a dor dum povo sedento de liberdade, que nem ao menos, pode proclamar desasombroadamente essa sede insuperável, martirizante.

«Um grupo», um grupo que faz parte dessa legião imensa que sofre em silêncio, desterrada, longe da Europa, falta de comunicações, destaca-se um pouco e tem um gesto mais arrojado: pretende fazer chegar à metrópole o eco da sua dor. Recoso de que, num abuso inqualificável, lhe abram as cartas, descubram a sua justa revolta e o persigam, e o linchem e o assassinem barbaramente, o tal grupo, dirige-se ao povo consciente, ao «povo mundial», numa linguagem simbólica, dissimulada — mas triste, infinitamente triste no seu ataque irónico à palavra «dignidade».

Muito tem descido em Loanda a dignidade dos grandes; demasiado ultrajada tem sido a dignidade dos pequenos. Esta depreciação da dignidade que tantos lucros tem dado a proprietários e capitalistas, a colonos analfabetos e a altos comissários despóticos, criou no grupo um estado de alma bizarro, estravagante e ao mesmo tempo sinistro pela dor moral que revela. O rojar pela lama da dignidade pessoal dos senhores levou os escravos à pretensão extraordinária de querer eliminar para sempre dos dicionários, do uso, da linguagem essa palavra que outrora teve um brilho fulgurante.

«E nós que na Europa nos lamentamos dos nossos sofrimentos, tam pequenos se os compararmos com a gigantesca dor dos negros perseguidos, podemos ficar quados, dormir sossegados, manter a mesma indiferença criminosa que hoje nos tolhe os nervos e anestesia a alma?»

A esta pergunta simples, a nossa consciência responde com uma formulação negativa:

Não, não podemos permanecer indiferentes! A não ser que a nossa dignidade de homens que desejam a liberdade sobre a terra, tenha perdido o seu fulgor intenso, tenha rojado, como a dos roedores bárbaros e governantes sem escrúpulos, pela lama mais abjecta e repugnante! Mário DOMINGUES

## A política financeira e externa da França

Há pouco reuniram-se em Paris políticos, economistas e financeiros, numa «Semana monetária».

Fizeram-se muitos discursos. Economistas, realistas e conservadores ferrentes foram as personagens em destaque nesta assembleia. Fácil será adivinhar quantas mentiras se disseram, que variadas fôrças se ensaiaram para enganar o misero povinho.

Os números andaram numa sara-banda, bilhões e milhões em francos-ouro ou francos-papel conforme as necessidades da tese a defender.

Donde resultou uma mistura sem nome onde só um técnico da economia politica pode agüentar-se eliminando a parte excessiva de mentiras e fazendo uso simplesmente dos números autênticos.

Vejamos: o orçamento ordinário para 1923 eleva-se a 23 bilhões e 180 milhões de francos-papel, sem inclusão do orçamento especial dos P. T. T.

E' necessário fazer-se uma distincão entre o franco-papel e o franco-ouro. O que é muito importante. Com efeito, o franco-papel tem um poder de compra de cerca de 2,14 menor que o franco-ouro. Esta proporção é indicada pela relação entre os valores paritários do franco da ante-guerra (franco-ouro) ao dólar americano e o franco actual (franco-papel) ao mesmo dólar, o qual, vale em 1922, o que valia em 1913. Ora,

em 1913 o dólar valia 5 fr. e 20 c. franco-ouro; e no momento em que escrevo o dólar vale 11 fr. e 38 c. em franco-papel.

Num total orçamental de 23.180 milhões de francos-papel, mais de 5% representam os encargos dos juros das dívidas publicas. Com efeito há 12.344 milhões a pagar actualmente para cobrir simplesmente os juros dos empréstimos a longo e a curto prazo. O que é uma proporção orçamental enorme, pois que toda esta soma em nada contribui para a conservação e acréscimo dos bens da Nação.

Destes números deduz-se que cada cidadão francês, desde a criança que nasce até ao velho que agoniza, deve pagar 333 francos para os juros das dívidas contraídas no decurso dos anos que passaram, quasi um franco por dia!

E para cobrir a totalidade do orçamento cada cidadão francês deve pagar 626 francos!

Por conseguinte, um chefe de família de 4 a 5 pessoas tem a pagar anualmente 2.500 a 3.100 francos, isto é, pelo menos 7 francos por dia. E este pagamento na maioria dos casos é de dezoito a vinte e cinco francos por dia. E este pagamento, porque estes 7 francos diários estão incluídos no preço dos víveres que come, da roupa que veste, das despesas de iluminação, aquecimento, transportes, etc., etc.

O cultivador que compra menos alimentos e fatos, etc., que o cidadão paga em números absolutos menos impostos, mas tudo o que faz uso na sua cultura acha-se sobrecarregado por taxas ocultas.

A vida embarateceu 20 % se, por intermédio de qualquer varinha mágica, se podessem fazer desaparecer as dívidas a longo e a curto prazo que hipotecam a fortuna nacional.

Além disso é preciso notar que nestes 12 bilhões 344 milhões de francos-papel destinados ao juro dos empréstimos não estão incluídos os juros das dívidas da França para com a Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Esta dívida é de 35 bilhões de francos-ouro, o que ao câmbio do dia equivale a cerca de 77 bilhões de francos-papel. Não pagamos juros, cerca de 4 bilhões em papel, porque os nossos credores estrangeiros nos concederam uma moratória, ou por outras palavras uma espera.

Resta, portanto, no orçamento ordinário e extraordinário uma soma de 10 bilhões 835 milhões de francos-papel para cobrir as despesas de todos os ministérios: trabalhos publicos, instrução pública, assistência e hygiene, guerra, marinha, etc. A guerra e a marinha absorvem 5 bilhões e 36 milhões, que se gastam em proveito dos militares profissionais e em proveito dos industriais

da metalurgia e dos produtos explosivos.

Este número de 5 bilhões, mostra que durante o ano, cada cidadão francês, macho ou fêmea e de qualquer idade, dispõe de 136 francos para manterem marchas, almirantes, generais, coronéis, capitalistas proprietários das acções das fabricas metalúrgicas, fundições, etc.

Se por uma varinha mágica podessemos suprimir estas despesas de guerra, isto é, estas despesas utilizadas para o desenvolvimento e aprendizagem da arte de matar, o custo da vida baixaria cerca de 10 %.

Segundo os cálculos mais favoráveis, o deficit do orçamento francês vai-se elevar pelo menos a 4 bilhões de francos-papel. Não há qualquer outro meio de cobrir o deficit senão por um empréstimo a longo prazo.

Este sistema tem por consequência aumentar nos anos seguintes os encargos dos juros anuais da dívida.

A nossa dívida interna, em francos-papel, eleva-se a 242 bilhões, sendo 87 de dívida flutuante em bons da Defesa Nacional, bons do tesouro e adiantamentos feitos pelo Banco de França.

O montante da dívida flutuante é o que foi oficialmente declarado em 31 de Maio. Mas como o Estado paga com estes bons, é difícil saber se este número é exacto.

E' certo que em todos os meses a soma dos bons emitidos aumenta. E o

Estado não pode reter esta emissão pois que é graças a ela que o Estado cobre as suas despesas e o seu deficit orçamental.

Considerando portanto a situação financeira da França, abstracção feita do orçamento das Reparações cujas despesas são teoricamente recobráveis sobre a Alemanha, de que falaremos — vê-se que esta situação é muito má, que de

ano para ano piora.

Um empréstimo a longo prazo vai ser necessário para consolidar parcialmente os empréstimos a curto prazo. Haverá diminuição dos bons do Tesouro e da Defesa, diminuição momentânea porque o governo e o seu Bloco Nacional serão obrigados a recorrer a outros bons para equilibrar as despesas. E sempre assim, enquanto se não fizer uma politica de redução das despesas suprimindo as despesas de guerra, uma politica de imposto sobre a fortuna adquirida.

A situação financeira francesa piorou ainda mais devido à situação financeira franco-alemã relativa às reparações e à indemnização devida pela Alemanha.

Mas este artigo vai já longo para que hoje aborde este aspecto do assunto. Falo hei num segundo artigo.

Augusto Hamann



os nossos patões, reune amados, a-  
4 horas.







